

# FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E ARTE DE EXISTÊNCIA

*Andrea Díaz Genis<sup>1</sup>  
Silvio Gallo<sup>2</sup>*

## Resumo

Na última parte da obra de Michel Foucault, a partir do curso *A Hermenêutica do Sujeito* e dos dois que se seguiram a ele (*O Governo de Si e dos Outros* e *A Coragem da Verdade*), aparece uma possível leitura da filosofia como exercício espiritual e arte de existência. Tal leitura é influenciada, entre outros, por Pierre Hadot, especialista no pensamento antigo. A filosofia deixa de ser pensada como tendo seu foco apenas na criação de conceitos, saberes e sistemas de ideias ou pensamentos, como um exercício puramente racional. Desta perspectiva, no coração mesmo da filosofia antiga, encontramos a perspectiva educativa (ou formativa) do gênero humano. Tudo isso nos leva a pensar uma filosofia da educação mais abrangente, que entenderá a filosofia como pedagogia do gênero humano, que ainda que não descarte seu vetor teórico e conceitual, entende que filosofia e educação identificam-se, tendo como foco problemático a vida mesma.

**Palavras-chave:** Filosofia da Educação; Arte de existência; Pedagogia do gênero humano; Vida.

<sup>1</sup> **Andrea Díaz Genis** – Professora Doutora da Universidad de la República (Uruguai), Diretora do Departamento de Historia y Filosofía de la Educación.  
**E-mail:** diazgena@gmail.com

<sup>2</sup> **Silvio Gallo** – Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de Filosofia e História da Educação  
**E-mail:** silvio.gallo@gmail.com

---

## Abstract

In the last part of the work of M. Foucault, from the hermeneutics of the subject and other seminars that arise from it (*The government of itself and the other I and II*), appears a possible reading of philosophy as spiritual exercise and art of existence. This reading is based on the influence, among others, specialist in ancient thought, Pierre Hadot. The philosophy is no longer thought only from the creation of concepts, knowledge, or system of ideas or thoughts, and from a purely rational exercise. From this perspective, in the heart of ancient philosophy, we find the educational perspective, or training of mankind. All this will allow us to define a philosophy of education more comprehensive that means the philosophy as pedagogy of mankind, that while not exclude its theoretical and conceptual side, understands that philosophy and education are identified with a problematic focus life itself, along the life.

**Keywords:** Philosophy of education; Existence art; Pedagogy of humankind; Life.

# FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E ARTE DE EXISTÊNCIA

## 1. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E A VIDA

A filosofia é uma espécie de matéria estranha, que continuamente volta a pensar-se e a falar de si mesma. O eterno retorno da própria ideia de si é sempre diferente, ou pode ser diferente, ainda que existam os “parentescos de família”, para falar com Wittgenstein, isto é, um pano de fundo comum, posto que há no ocidente uma história da filosofia de mais de vinte e cinco séculos. Em relação à educação, nem falemos em “definição”, uma vez que apresenta uma amplitude e uma complexidade que faz com que seja difícil encontrarmos uma única ou a melhor definição, uma vez que é através dela que o ser humano transforma-se em humano.

De qualquer forma, em que pesem as complexidades e abrangências da filosofia e da educação, neste artigo focaremos uma tradição, no contexto da história da filosofia ocidental, e o faremos desde uma perspectiva bastante particular. Na última parte da obra de Michel Foucault, de forma especial em seus três últimos cursos no Collège de France (*A Hermenêutica do Sujeito*, de 1981-1982; *O Governo de Si e dos Outros*, de 1983, e *A Coragem da Verdade*, de 1984), aparece uma possível leitura da filosofia como exercício espiritual e arte de existência. Tal leitura está baseada na influência, dentre outros, de um especialista no pensamento antigo, Pierre Hadot. A filosofia deixa de ser pensada apenas como criação de conceitos, saberes, ou como um sistema de ideias ou de pensamentos e como sendo produzida a partir de um exercício puramente racional.

A filosofia nasceu e se desenvolveu, desde a antiguidade até a modernidade, pelo menos desde o século V a.C. até o século

XVII d.C., como “arte de existência”, isto é, com uma função predominantemente formativa. O que nos interessa ressaltar é o foco desta perspectiva filosófica, que é a própria vida (*bios*). O seu meio de desenvolvimento é o exame de si mesmo através da relação pedagógica com um outro, que pode ser o mestre, o amigo, o conselheiro, incluído o “médico da alma”, como Sêneca se define para Lucílio, em suas cartas a ele endereçadas. Nesta perspectiva, no coração mesmo da filosofia encontramos a perspectiva educativa (ou formativa) do gênero humano. Como afirmou Aristóteles, a filosofia nasceu a partir do assombro ou da admiração (*thaumas*), um ponto de partida que exige e implica para os seres humanos uma espécie de “conversão” (*metanoia*) do olhar, da forma de estar no mundo a partir do diálogo, o encontro, o pensamento, que tem como centro o autoexame e o exame dos outros, o exame da vida, enfim.

Esta preocupação com o *bios*, podemos ver naquilo que Foucault denomina “momento socrático-platônico”, no diálogo *Laques*. Este escrito poderia ser considerado, precisamente, como um texto sobre a boa ou a má educação. É chamativo o motivo pelo qual os pais que aparecem no diálogo como personagens centrais (Lisímaco e Melésias) perguntam-se pela “boa educação”. Precisamente eles, como antes seus pais (por serem importantes estrategos, personagens públicos), creem que não se dedicaram nem se preocuparam suficientemente com a educação de seus filhos.<sup>3</sup> Porém, ao se encontrarem com Sócrates o problema central a ser pensado muda sensivelmente: já não é sobre qual é a melhor educação e quem estaria mais indicado a falar dela (que, definitivamente, seria o “técnico da alma”), mas sim, como sempre ocorre na educação socrática, é a pergunta por nós mesmos.<sup>4</sup> Isto

<sup>3</sup> Ver a análise deste diálogo feita por Andrea Díaz no Epílogo (“La enseñanza socrática en tres actos: amor a la sabiduría, cuidado del alma, cuidado de la vida”) em PUCHET, 2012.

<sup>4</sup> “Me parece que ignoras que, si uno se halla cerca de Sócrates en una discusión o se le aproxima dialogando con él, le es forzoso, aún si empezó a dialogar sobre cualquier otra cosa, no despegarse, arrastrado por él en el dialogo, hasta que lo sopesen bien y suficientemente todo. Yo estoy acostumbrado a éste; se

é: como passamos os dias, que fazemos com nossas vidas, enfim, a pergunta pelo cuidado de si e dos outros, a partir da inquietude consigo mesmo e do autoconhecimento.<sup>5</sup>

O mestre é o meio, *básanos*, isto é, a “pedra de toque” (instrumento que, na antiga Grécia, era usado para saber se uma pedra era ou não de ouro, roçando uma na outra). O mestre é o *musikos aner*, diz Sócrates no *Laques*, o que significa que ele possui uma espécie de “harmonia ontológica”, como afirma Foucault ao comentar essa passagem. E tal harmonia está dada por uma exigência que aparece vez ou outra em toda esta tradição grega, helenística e romana do cuidado de si: que o filósofo tenha uma coerência entre o que diz e o que faz.<sup>6</sup> O núcleo da filosofia da educação socrática é, pois, ao menos nesta tradição e a partir deste texto,<sup>7</sup> o *bios*, a vida do sujeito que deve ser examinada. A vida não está em função da escola, mas é a escola que está – ou deve estar – em função da vida, como nos dirá Sêneca posteriormente. Parece-nos que este é o grande ensinamento desta filosofia da educação, ao menos nesta releitura contemporânea (foucaultiana) da tradição antiga.

O importante, pois, é começar a destacar uma visão da filosofia, e especificamente da filosofia da educação, como forma de vida e experiência de exame e autoexame de si mesmo e do mundo, que tem como finalidade formativa o cuidado de si mesmo e o cuidado dos outros. É claro que as ideias filosóficas sobre a “escola” são parte da preocupação da filosofia da educação como disciplina centrada em um saber. Mas, em se tratando de ideias, não devemos levar conta apenas as ideias

---

que hay que soportar estas cosas, como también que estoy a punto de sufrir tal experiencia personal” (Platón, *Laques*, 188c).

5 Amplos e diversos desenvolvimentos desta questão podem ser encontrados em DÍAZ; PUCHET, 2010.

6 Este tema é bastante estudado por Foucault no curso de 1983, *O Governo de Si e dos Outros*. Sugerimos ver especialmente a aula de 16 de fevereiro de 1983, na qual Foucault estuda a questão do *érgon* (a atividade) filosófico em Platão.

7 No diálogo *Alcebiades* vemos, porém, outro rumo para esta tradição. Ver o capítulo de Andrea Díaz em PUCHET, 2012.

sobre a instituição escolar, sejam quais forem seus níveis, ou sobre o ensino e/ou a aprendizagem na instituição escolar, a educação formal ou informal etc. Mas o foco do pensamento se ampla, abarcando toda a formação do humano enquanto humano, a formação da humanidade inclusive como meta a ser superada por uma humanidade melhor (o que não pode ser desenvolvido aqui, mas que implica em uma mescla do ideal kantiano da ilustração com a ideia nietzschiana de um além-do-humano).<sup>8</sup>

Pensamos, pois, que a filosofia pode ser entendida como muito mais que uma disciplina, uma tradição, mas como o *topos*, o lugar a partir do qual a humanidade tem pensado “pedagogicamente” a si mesma para possibilitar uma vida melhor. E uma vida melhor é uma vida examinada, uma vida inquieta consigo mesma, preocupada consigo mesma e com os outros, uma vida que se pensa a si mesma para melhorar. E uma tal filosofia, portanto, apresenta-se, de fato e de direito, como uma filosofia da educação em seu próprio âmago.

Para compreender melhor essa filosofia da educação como “arte de existência”, faremos uma breve incursão pela ideia de “exercícios espirituais”, que Foucault empresta de Pierre Hadot, uma vez que tais exercícios são a prática cotidiana desta filosofia.

## 2. EM TORNO DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E DE SUAS PRÁTICAS <sup>9</sup>

O conceito de exercício espiritual como conversão do sujeito, trabalho de si sobre si mesmo, tão importante nos últimos trabalhos de Foucault, servindo de base para a proposição de uma “estética da existência”, foi tomado de empréstimo a Pierre Hadot, um especialista em Filosofia antiga

<sup>8</sup> Especificamente sobre a relação Kant-Nietzsche, consultar DÍAZ, 2004 e DÍAZ, 2008.

<sup>9</sup> Esta parte do artigo é uma retomada, com poucas alterações, de parte de um texto já publicado (GALLO, 2012).

que Foucault estudou com paixão e que, em vários momentos, consultou sobre dúvidas em seus cursos.<sup>10</sup>

Para Hadot a Filosofia na antiguidade grega foi fundamentalmente exercício espiritual:

A verdadeira filosofia é, então, na Antiguidade, exercício espiritual. As teorias filosóficas são, ou postas explicitamente ao serviço da prática espiritual, como é o caso do estoicismo e do epicurismo, ou então tomadas como objetos de exercícios espirituais, isto é, uma prática da vida contemplativa que não é ela mesma, ao final, outra coisa que um exercício espiritual. Não é, pois, possível compreender as teorias filosóficas da Antiguidade sem ter em conta esta perspectiva concreta que lhes dá sua verdadeira significação. (HADOT, 2002, p. 65-66).

Porém, essa marca não é apenas da antiguidade. Hadot inicia o texto do qual o trecho acima foi extraído com uma citação de G. Friedmann, de uma publicação de 1970, na qual exprime a Filosofia e a potência da sabedoria como decorrentes de “exercícios espirituais”. No prefácio à edição original de 1993 de *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*, o próprio Hadot comenta que essa ideia não lhe veio dos antigos, mas de contemporâneos como Bergson.

O presente volume condensa os estudos, já publicados ou inéditos, que escrevi ao longo de muitos anos. Mas o tema geral ao qual eles se reportam está no centro de minhas preocupações desde a juventude. Um dos meus primeiros artigos, publicados nas *Actes du congrès de philosophie* de Bruxelas em 1953, ensaiava já descrever o ato filosófico como

<sup>10</sup> Em vários momentos dos cursos de 1982 a 1984 Foucault citou Hadot e em outros comentou que consultava especialistas em Filosofia antiga. No artigo *Um dialogue interrompu avec Michel Foucault – convergences et divergences*, Hadot (2002, p. 305-311) comenta suas raras, mas proveitosas, conversas com o colega.

uma conversão e lembro-me sempre do entusiasmo com o qual, no verão ameaçador de 1939, depois de meu *baccalauréat* de filosofia, eu comentava o assunto da dissertação retirado de Henri Bergson: “A filosofia não é uma construção de sistema, mas a resolução, uma vez tomada, de olhar inocentemente em si e em torno de si”. Sob a influência de Bergson, depois do existencialismo, eu sempre concebi a filosofia como uma metamorfose total da maneira de ver o mundo e de nele estar. (HADOT, 2002, p. 15).

Exercícios espirituais como marca da Filosofia antiga, mas também como desafio de pensar o presente, pois. E Hadot aponta que era essa também a perspectiva de Foucault, a quem conheceu pessoalmente em 1980 e este lhe disse que havia lido com atenção alguns de seus trabalhos, em especial aqueles relacionados com esse tema. Ainda que demarque suas divergências com Foucault, em especial na afirmação de que existiria, no pensamento antigo, uma “estética da existência”,<sup>11</sup> o estudioso da antiguidade clássica afirma que ambos estavam preocupados com a questão da filosofia na atualidade, e cita a introdução ao segundo volume da História da Sexualidade, *O Uso dos Prazeres*, quando Foucault afirma o ensaio como a forma da Filosofia, bem como a entrevista a Dreyfus e Rabinow, em 1983, quando afirma sua derradeira concepção da Filosofia como estética da existência, que provavelmente a praticou durante a vida. E arremata: “*Nesse trabalho de si sobre si, nesse exercício de si, reconheço igualmente, por minha parte, um aspecto essencial da vida filosófica: a filosofia é uma arte de viver, um estilo de vida que engaja toda a existência*” (Hadot, 2002, p. 308). São essas considerações de Foucault e

<sup>11</sup> Apenas indicando de forma breve, Hadot afirma que na antiguidade não se pensava numa “construção de si”, que poderia significar uma estética da existência. Ao contrário, todas as filosofias antigas concebiam o ser como dado e, assim, os exercícios espirituais não poderiam ser uma “construção de si”; seriam, mais justamente, uma transformação, uma transfiguração, uma “superação de si”.

de Hadot que nos encorajam a pensar, contemporaneamente, uma filosofia da educação como arte de existência.

Mas fiquemos, por ora, com o conceito de exercícios espirituais. Assim Hadot delinea seus contornos:

“Exercícios espirituais”. A expressão incomoda um pouco o leitor contemporâneo. De início, não é de muito bom tom, hoje, empregar a palavra “espiritual”. Mas é preciso se resignar a empregar esse termo, porque os outros adjetivos ou qualificativos possíveis: “psíquico”, “moral”, “ético”, “intelectual”, “de pensamento”, “da alma”, não dão conta de todos os aspectos da realidade que queremos descrever. Poderíamos, evidentemente, falar de exercícios de pensamento, porque, nesses exercícios, o pensamento é tomado de alguma maneira por matéria e procura modificar-se a si mesmo. Mas a palavra “pensamento” não indica de maneira suficientemente clara que a imaginação e a sensibilidade intervêm de uma maneira muito importante nesses exercícios. Pela mesma razão, não podemos nos contentar com “exercícios intelectuais”, ainda que os aspectos intelectuais (definição, divisão, raciocínio, leitura, pesquisa, amplificação retórica) desempenhem aí um papel importante. “Exercícios éticos” seria uma expressão bem sedutora porque, o veremos, os exercícios em questão contribuem potentemente à terapêutica das paixões e se reportam à condução da vida. No entanto, seria ainda uma via muito limitada. De fato, esses exercícios – nós o entrevemos pelo texto de G. Friedmann – correspondem a uma transformação da visão do mundo e a uma metamorfose da personalidade. A palavra “espiritual” permite fazer entender que esses exercícios são a obra não somente do pensamento, mas de todo o psiquismo do indivíduo que se eleva à vida do Espírito objetivo, isto é, se recoloca

na perspectiva do Todo (“eternizar-se ao se superar”) (HADOT, 2002, p. 20-21).

No delineamento do conceito, fica claro então que não se trata apenas do pensamento, de um “pensamento puro”, mas de uma atividade que implica em todo o psiquismo e que, assim, está aquém e além do pensamento. É anterior a ele e é mais do que o pensamento, ao mesmo tempo. É exatamente o ponto que destacou Foucault, ao colocar os exercícios espirituais como uma forma de conceber a prática da Filosofia, de modo distinto de uma outra visão, que centra essa prática no pensamento e apenas nele, orientando-se para o conhecimento como algo destacado do sujeito que pensa, que conhece e que vive, não mais.

Na sequência de sua análise, Pierre Hadot destaca que predominou na antiguidade essa visão da Filosofia como prática, sendo que algumas correntes a definiram muito explicitamente como um conjunto de exercícios. Caso típico dos estoicos. Para eles, “*a filosofia não consiste no ensino de uma teoria abstrata, menos ainda de uma exegese de textos, mas de uma arte de viver*” (idem, p. 22), o que fazia desta prática algo que dizia respeito à existência e, mais do que algo situado no âmbito do conhecimento, uma prática na ordem do “si mesmo”, ou como gostava de enunciar Foucault, um “trabalho de si sobre si mesmo”. Esta arte de viver, segundo Hadot, organizava-se nos mais diversos âmbitos, sendo o primeiro deles uma espécie de “terapêutica das paixões”, orientada para uma transformação de si mesmo. Essa terapêutica era exercida através de distintos exercícios, como a investigação, o exame aprofundado, a leitura, a audição, a atenção, as meditações, culminando com a *enkrateia*, isto é, uma espécie de “governo de si mesmo”, no qual se tem controle sobre suas paixões.

Mas, se a filosofia é uma arte de viver, é também uma espécie de “aprendizado do diálogo”, uma arte do diálogo, e aqui Hadot dedica, como seria de se esperar, especial atenção a Sócrates (2002, p. 38-47). Em sua visão, os diálogos são

também uma espécie de exercício espiritual, especialmente porque implicam em uma conversão do sujeito, sendo os diálogos platônicos, como exercícios dialéticos, os exercícios-modelo. Aprender a viver, aprender a dialogar, mas também aprender a morrer. É o terceiro polo dos exercícios espirituais e aqui Hadot dedica especial atenção a Platão e a Plotino. Quarto e último polo, aprender a ler: *“passamos nossa vida lendo, mas não sabemos mais ler, quer dizer, parar, nos liberar de nossas preocupações, voltar a nós mesmos, deixar de lado nossas buscas de sutileza e de originalidade, meditar calmamente, ruminar, deixar os textos nos falar”* (idem, p. 73-74).

Aprender a viver, aprender a morrer; aprender a dialogar, aprender a ler. Exercícios espirituais, enfim, Filosofia como exercício, como prática, como trabalho sobre si mesmo, mais do que simplesmente uma busca de conhecimento, orientada exclusivamente pelo e para o saber. É o que nos indica a visão perspectiva de Pierre Hadot sobre a antiguidade, quando afirma:

A filosofia aparece então, em seu aspecto original, não mais como uma construção teórica, mas como um método de formação para uma nova maneira de viver e de ver o mundo, como um esforço de transformação do homem. [...] Foi apenas com Nietzsche, Bergson e o existencialismo que a filosofia voltou a ser conscientemente uma maneira de viver e de ver o mundo, uma atitude concreta. (HADOT, 2002, p. 71-72).

É esta atitude filosófica como esforço humano de transformação de si, que ficou esquecida na modernidade, que Foucault procura recuperar, sob a inspiração de Hadot, nos últimos cursos que deu no Collège de France e que neste artigo nos orienta a pensar uma outra filosofia da educação.

### 3. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DESDE A POSIÇÃO DA IGNORÂNCIA

Se a filosofia da educação era e pode ser tomada como uma arte da existência, isto significa que o mestre é um *médium*, ou *topos*, que nos vincula com nossas próprias perguntas; no dizer de Nietzsche em *Schopenhauer como Educador*, com nosso “unicum”. O filósofo pedagogo, na tradição antiga, é aquele que acompanha, dialoga, aconselha (como era o caso dos estoicos), ensina como um exemplo (como era o caso dos cínicos), indaga, ajuda a que o discípulo se pense a si mesmo e teorize a partir das preocupações de sua própria vida (como era o caso de Sócrates). A cena do cuidado de si (*epimeleia heautou*), que implica a inquietude consigo mesmo e o autoconhecimento (*gnothi seauton*) ocorria no marco da cidade (*Polis*). Somos cidadãos da *polis* e, neste sentido, políticos, ainda que o mestre Sócrates se afastasse eventualmente da ágora e da função pública que lhe correspondia como cidadão. No curso *a Coragem da Verdade*, Foucault nos explica a razão: Sócrates alheou-se do meio político ateniense para não morrer antes. Sua missão inquietante, que gerava desassossego, inquietude e mesmo vergonha (é o que Sócrates produz em Alcibíades no *Banquete* e o que esclarece o Sócrates platônico na *Apologia*), que questionava, que pedia “conversão” (uma transformação no olhar e no modo de viver), incomodava os poderes instituídos. De todo modo, Sócrates morreu, mas resulta que teria morrido antes, se tivesse se dedicado à política.

Converter-se à filosofia implica produzir uma comoção interna, que traz uma transformação radical em nossa maneira de ver nossa própria vida e o mundo. Quando alguém é “mordido pelos discursos filosóficos”, segundo a expressão usada por Alcibíades no *Banquete*, não pode deixar de se examinar durante toda a vida... Ou, ainda, quando vemos perguntar o Sócrates platônico no *Laques* (188c) para aqueles que dele se aproximavam, se estariam desejosos de aprender enquanto vivessem e se não acreditavam que a velhice, por

si só, lhes traria o senso comum. Esta é a grande função da filosofia na educação como formadora do gênero humano.

Sócrates costumava dizer que era o “mosquito” da humanidade, no sentido que sua função era picar, molestar, desacomodar, estimular as pessoas a se preocuparem, perguntarem, conhecerem, se inquietarem. Uma vez que somos “molestados” pelo mosquito da filosofia, esta passa a ser para nós um modo de viver e de estar no mundo. Por isso, a filosofia é mais que uma matéria, uma disciplina ou uma tradição. É um modo de existência, é uma arte de existência, uma maneira de estar no mundo que, por sua vez, “pica”, morde e, ainda mais, enamora com um amor que não nos deixa, que não acaba, como mostra Platão no *Banquete*. Mas é, sobretudo, uma experiência, um acontecimento que se realiza com outros, em diálogo com outros que compartilham este modo de vida.

Em sua Carta VII, Platão afirma algo muito interessante sobre essa experiência, que pode ser vista como acontecimento:

Desde luego, no hay ni habrá nunca una obra mía que trate de estos temas, no se pueden, en efecto precisar como se hace con otras ciencias, sino que después de una larga convivencia con el problema y después de haber intimado con él, de repente, como la luz que salta de una chispa, surge la verdad en el alma y crece ya espontáneamente. (PLATÓN, Carta VII, 513).

Ao analisar esta mesma Carta VII de Platão no curso de 1983, *O Governo de Si e dos Outros*, Foucault faz algumas considerações que vale a pena destacar. Ele comenta a relação de Platão com o texto, destaca a passagem em que este afirma que nunca escreveu nada, que ninguém poderia afirmar: “isso foi dito por Platão”, uma vez que a filosofia não se transmite através de textos (as *mathémata*), ela só pode ser aprendida na convivência com quem a pratica. Em outras palavras, só se aprende filosofia quando se vive a filosofia.

Este percurso das *mathémata*, essa enformação do conhecimento em fórmulas ensinadas, aprendidas e conhecidas, isso não é, diz o texto de Platão, o caminho pelo qual passa efetivamente a filosofia. As coisas não acontecem assim, não é ao fio das *mathémata* que a filosofia se transmite. Como se transmite? Pois bem, ele diz: a filosofia se adquire por “*synousía peri tò prágma*”. E um pouco adiante ele utiliza o verbo *syzên*. *Synousía* é o ser com, é a reunião, é a conjunção [...] Quem deve se submeter à prova da filosofia deve “viver com”, deve, empreguemos a palavra, “coabitar” com ela [...] Que aquele que filosofa tenha que coabitar com ela, é o que vai constituir a própria prática da filosofia e sua realidade. (FOUCAULT, 2010, p. 225).

O ato pedagógico atravessado pela filosofia é uma experiência transformadora que comove o ser e transforma a vida em concomitância com tal acontecimento. Em um de seus escritos, Sêneca se perguntava onde estaria o sábio que tanto buscamos; e a figura que mais se aproxima desta figura ideal é Sócrates. Precisamente Sócrates, que se coloca no lugar da ignorância... O acento precisa estar na busca e em saber harmonizar esta busca com um modo de vida. Não é que Sócrates não saiba nada, mas sim que este lugar da ignorância é o local que nos posiciona na busca filosófica a partir da falta. A filosofia, quando é formativa, não apenas deve ensinar um saber (isto já seria história da filosofia, que, obviamente, pode ser ensinada filosoficamente), mas especialmente ensinar a ignorar, a examinar tudo, e perceber que aquilo que supúnhamos ser seguro já não o é tanto.

Aqui podemos lembrar outro filósofo contemporâneo, Jacques Rancière, que ao buscar a filosofia antiga nos convida a pensar o contemporâneo de outras maneiras. Por exemplo, ele apresentou uma provocação interessante quando, dirigindo-se a professores de filosofia franceses, afirmou que o lugar da

filosofia na escola deveria ser o de promover uma experiência da ignorância, coisa que nenhuma outra disciplina é capaz de fazer. Em sua proposta, cabe à filosofia uma transmissão, mas é a transmissão de um “sentimento de ignorância”, compartilhado pelos filósofos desde a experiência primeira de Sócrates.

Escreveu ele que

[...] a filosofia pode ser, na instituição, este lugar onde se reverta o fundamento da autoridade do saber, onde o sentimento justo da ignorância apareça como a verdadeira superioridade do mestre: o mestre não é aquele que sabe e transmite; ele é aquele que aprende e faz aprender, aquele que, para falar a linguagem dos tempos humanistas, faz seu estudo e determina cada um a fazer por sua conta. A filosofia pode ocupar este ponto de reversão porque ela é o lugar de uma verdadeira ignorância. Todos sabem que, desde o começo da filosofia, os filósofos não sabem nada, não por falta de estudos ou de experiências, mas por falta de identificação. Também o ensino da filosofia pode ser este lugar onde a transmissão dos conhecimentos se autoriza a passar a algo mais sério: a transmissão do sentimento de ignorância. (in DERRIDA et al, 1986, p. 119-120).

Como dizia Kant, não se ensina filosofia, mas primeiramente se ensina a filosofar. O professor de filosofia uruguaio Silva García afirmou em uma entrevista que concedeu a Andrea Díaz pouco antes de morrer: “assim como alguns são budistas e outros são cristãos, eu escolhi a filosofia como forma de vida” (Díaz, 1995, p. 24). Este mosquito que pica, esta mordida que envenena, mas também apaixona, não deve ficar apenas no mestre. O mestre possibilita esta conexão, essa sublimação (para dizer com Freud) da energia sexual, da libido que permite conectar com algo que não acaba. Este infinito mar de perguntas, essa conexão com a incerteza que busca certeza

para encontrá-la e tornar a perdê-la, este nada e este alguma coisa (a meio caminho entre o saber e a ignorância), cheio de sentidos que de novo se perdem e tornam-se imprecisos sob a luz da interrogação que predomina, sempre.

#### 4. A FILOSOFIA, A EDUCAÇÃO E O AMOR QUE NÃO SE POSSUI

Muitas vezes entendemos o filósofo como sábio (*sophos*) e não como amante (*erastés*) ou amigo da sabedoria (justamente o que significa *filo-sophia*); na tradição socrático-platônica da qual partimos, ser amante da sabedoria significa amar algo que nunca se possui. Para compreender bem isso, precisamos nos remeter, ainda que de modo breve, a uma obra madura de Platão, *O Banquete*. Nosso objetivo aqui não é propriamente comentar o texto platônico, senão que, para poder fundamentar nosso pensamento particular, partir desta tradição de pensamento, nos instalando em seu interior.

A partir do relato de Diotima de Mantinea, a mulher que sabe sobre o amor no *Banquete* e que, de algum modo, é o *alter ego* feminino de Sócrates no imaginário platônico, ocorre que o grande amado (*erómeno*) passa a ser Sócrates (e isto converte-se em um escândalo, não apenas pela feiura de Sócrates, mas especialmente porque ele ocupa o lugar de *erastés* – amante e não de *erómeno* – amado). Na interpretação foucaultiana (de modo especial no segundo volume da *História da Sexualidade*), o que verdadeiramente deve ser amado é a filosofia. É bastante interessante esse giro; sabemos que no *Banquete* Platão faz serem apresentadas diferentes visões sobre o amor, mas é esta que nos interessa destacar nesse momento. Neste texto, que trata precisamente do tema do amor (e, neste sentido, a filosofia não é apenas amor da sabedoria, mas também uma sabedoria do amor), Alcibiades, um dos jovens mais belos e apreciados da Grécia, está enamorado por seu mestre. Quer possuí-lo em sentido literal, sente por ele um

desejo erótico irrefreável.<sup>12</sup> Ao possuí-lo, quem sabe possa possuir seu saber, sua atenção, seu amor, sua sabedoria. Mas não é assim que as coisas funcionam.

A pederastia, tema mais do que complexo, dada a distância cultural que nos separa dos antigos gregos, é um tema que foi desenvolvido de forma muito interessante por Foucault e a ele nos remetemos.<sup>13</sup> A relação sexual era algo presente entre o mestre (que era o amante – *erastés*) e o discípulo (que era o amado – *erómeno*), mas toda a preocupação da antiguidade dizia respeito a sob que formas, como, durante quanto tempo etc. essa relação poderia dar-se. A questão, então, é que Sócrates muda essa problemática em um sentido surpreendente. Recusa-se a ter relações sexuais com Alcibiades (afirma, no *Banquete*, que ao levá-lo para a cama uma vez levantou-se, pois se sentia como se tivesse se deitado com um pai ou um irmão). Este não é um episódio menor nessa história da filosofia da educação e nesta perspectiva que estamos tentando fundamentar, ao remeter-nos a uma certa leitura da antiguidade. O assunto é precisamente este: o que verdadeiramente é preciso amar não é a Sócrates; Sócrates, o mestre, é aquele que atrai, mas como porta de entrada e para permitir o ato de sublimação posterior da energia amorosa. Sócrates é o responsável por uma iniciação, ao afirmar que o que verdadeiramente deve ser amado é a sabedoria. A relação com o mestre é uma porta de entrada, uma introdução ao processo de se chegar a amar, a desejar a sabedoria com toda a intensidade. Mas, como sabemos, com Sócrates, a sabedoria é algo que não se possui, nunca; ela está sempre mais além, na medida em que nos mantemos sempre na ignorância.

O movimento da filosofia, pois, é o movimento de iniciar-se em um amor de algo que nunca se vai possuir. Em

<sup>12</sup> Este tema é desenvolvido de forma detida por Andrea Díaz em PUCHET, 2012.

<sup>13</sup> A este respeito ver FOUCAULT, 1984.

nossa compreensão, no resgate dessa tradição, também esta é a matéria de uma filosofia da educação.

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR

Ao longo deste artigo, de estilo deliberadamente fragmentário, quisemos construir uma espécie de mosaico de ideias em torno de uma certa leitura da filosofia antiga inspirada por Foucault. O filósofo francês, em seus últimos trabalhos, de forma especial nos cursos do Collège de France, recorreu aos textos antigos, gregos e romanos, inspirado em Pierre Hadot, procurando construir a ideia de que naquele período predominou uma filosofia como arte de viver, como arte de existência. Em tal perspectiva, a relação da filosofia com a verdade era bastante especial, pois a verdade estava presente na própria constituição do sujeito, isto é, nos modos de subjetivação. A partir da modernidade ocidental, porém, passou a predominar uma visão da filosofia como saber, como orientação para uma verdade pensada fora do sujeito. A filosofia da educação produzida em nossos dias está orientada por essa visão moderna e pensamos que a provocativa leitura de Foucault da filosofia antiga pode nos levar a pensar também uma outra filosofia da educação, como arte de existência.

Os fragmentos que fomos apresentando neste texto são passos na construção desta filosofia da educação como arte de existência. Pensar a vida (*bios*); praticar exercícios espirituais; ocupar o lugar da ignorância; exercitar esse amor por um objeto que não se possui e nunca se possuirá. São formas de se irem resgatando relações da filosofia com a educação que já foram bastante estreitas no pensamento antigo, possibilitando um processo de si mesmo na relação com os outros.

Reiteramos que não se trata de uma recusa da construção disciplinar da filosofia da educação como campo de saber. Esse movimento foi e tem sido importante; construiu e tem construído relações interessantes da filosofia com a educação. Mas ele não é suficiente. E, mais do que isso, o investimento

nessa filosofia da educação orientada para o saber não pode significar o apagamento e o esquecimento de toda uma tradição que vicejou na antiguidade, afirmando a filosofia como a própria formação do espírito humano, como vetor de construção daquilo que se é. A essa perspectiva, Foucault denominou, de forma talvez não muito apropriada, de “psicagogia”, ou seja, uma “condução da alma”, tão importante quanto a pedagogia.<sup>14</sup>

Uma outra filosofia da educação, pensada na vida, nos modos de subjetivação, como conjunto de exercícios espirituais e como arte de existência, pode, assim, levar-nos para outros caminhos nessa experiência de pensar a vida presente e o mundo presente.

## REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques et al. *La Grève des Philosophes – école et philosophie*. Paris: Osiris, 1986.

DÍAZ, Andrea. *Travesía de la razón*. Entrevista con el profesor Mario Silvia García. In: Revista Posdata. Montevideo, 24 de agosto de 1995.

DÍAZ, Andrea; PUCHET, Enrique. *Inquietud de sí y educación*. Hacia un replanteo de la filosofía de la educación I, Montevideo, Editorial Magró, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>14</sup> Na aula de 10 de março de 1982, Foucault fez a caracterização disso que denominou “psicagogia”:

“Chamemos, se quisermos, ‘pedagógica’ a transmissão de uma verdade que tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, capacidades, saberes, etc., que ele antes não possuía e que deverá possuir no final desta relação pedagógica. Se chamamos ‘pedagógica’, portanto, essa relação que consiste em dotar um sujeito qualquer de uma série de aptidões previamente definidas, podemos, creio, chamar de ‘psicagógica’ a transmissão de uma verdade que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, etc., mas modificar o modo de ser do sujeito a quem nos endereçamos.” (FOUCAULT, 2004, p. 493).

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade II* – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GALLO, Sílvio. O aprender filosofia como exercício de si. In: XAVIER, I.M.; KOHAN, W.O. (org.). *Filosofar – aprender e ensinar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 69-84.

HADOT, Pierre. *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*. Paris: Albin Michel, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. Schopenhauer como educador. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Volumen I. Escritos de Juventud. Madrid: Editorial Técno, 2011.

PLATÓN. *El Banquete*. Madrid: Gredos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Alcibiades I*. Madrid: Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_. *Apología de Sócrates*. Madrid: Gredos, 2003.

\_\_\_\_\_. *Carta VII*. Madrid: Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_. *Laques*. Madrid: Gredos, 2003.

PUCHET, Enrique. *De la Filosofía y la educación. Cuidado de sí, inquietud de sí*. Montevideo: Ediciones La Fuga, 2012 (en prensa).

**Data de recebimento:** novembro de 2013

**Data de aceite:** junho de 2014